

Disfuncionalidades parentais: um caminho de conclusões erradas

Rui Tinoco¹ & Isabel Basto²

O presente trabalho efectua uma reflexão sobre a forma como os estilos e práticas parentais influenciam as interacções com as crianças e, por consequência, as suas atitudes e comportamentos. Inúmeras investigações debruçaram-se sobre o impacto dos estilos parentais. Pareceu-nos importante analisar os diferentes estilos e a congruência entre eles, a nível longitudinal e transversal. Esta coerência constitui-se como um elemento crucial na educação parental.

Nas interacções entre pais e filhos surgem também atribuições e significados que por vezes modelam a relação de forma significativa. As atribuições erradas ou “etiquetas” são disso um exemplo. Assim sendo, pareceu-nos igualmente importante sistematizar as interacções e os modos como elas influem nas práticas educativas parentais, bem como as implicações para o futuro da criança.

Por fim, destacamos alguns cuidados a nível da prática clínica que devem contribuir para a criação de um contexto livre de atribuições. Dever-se-á pugnar por um espaço de aceitação e promoção do desenvolvimento da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Estilo parental, Etiquetagem, Práticas parentais, Educação parental.

Este trabalho nasce da necessidade clínica de reflexão a propósito das relações parentais. Ao longo dos anos, confrontámo-nos com diversas mães e pais que atribuem formas de ser aos seus filhos cristalizando conflitos e desentendimentos. É a partir destas expectativas enviesadas que as crianças desenvolvem e definem os seus selfs. De facto, se os pais esperarem que o filho se comporte de determinada modo, ele acabará por ver reduzidas as alternativas de comportamento e, por consequência, coarctadas certas alternativas da construção de si mesmo.

Assim, partiremos de uma reflexão sobre os estilos parentais efectuada no ponto 1 (Estilos parentais e (in) congruências). Neste espaço, pretendemos fazer uma rápida revisão dos estilos parentais, reflectir sobre o modo como eles podem

1 Psicólogo Clínico no ACES Porto Ocidental.

2 Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde do ISMAI.

entrar em contradição e de que modo essa contradição se pode estruturar de forma mais prolongada no tempo. Em casos de conflito continuado de estilos, as consequências negativas poderão começar a fazer-se sentir.

No ponto 2 (Etiquetagem: uma forma de concluir erradamente) trataremos aqui de fazer uma breve recolha das teorias sociológicas sobre o assunto, para de seguida o aplicarmos no objecto de que trata este artigo. Trata-se fundamentalmente de nos equiparmos com uma grelha de análise da interacção entre pessoas para a sobrepormos à relação entre a criança e os seus pais.

De seguida, no ponto 3 (Práticas parentais e conclusões erradas), listaremos diversas formas de práticas parentais sistematizadas pela psicologia (Conboy, 2008) e pela reflexão sobre os estilos parentais entretanto efectuada a partir da nossa prática clínica. Para todas as situações listadas, forneceremos algumas das conclusões erradas mais comuns.

Finalmente, num último ponto (Notas finais) faremos algumas reflexões sobre as consequências destas interacções, em termos do desenvolvimento da criança e das referências que passa a ter para construir a sua identidade. Da mesma forma, listaremos alguns aspectos que nos parecem cruciais em termos de prática clínica.

1. Estilos parentais e (in) congruências

O conceito de estilo parental surgiu na literatura científica nos anos 60. Baumrind (1966) propôs inicialmente a existência de três estilos parentais diferentes, baseados em diferentes níveis de controlo: estilo parental autoritativo, autoritário e permissivo. Mais tarde, Maccoby e Martin (1983) propuseram a divisão do estilo parental permissivo: o indulgente (ao qual corresponderia o estilo permissivo proposto por Baumrind) e o negligente. Neste último estilo, os pais mostram-se por norma pouco receptivos e atentos às necessidades dos filhos e pouco exigentes, no que se refere à aplicação de regras e normas.

Estes autores propuseram a existência de duas dimensões segundo as quais os estilos parentais se deveriam organizar: a exigência e a responsividade. A exigência inclui as práticas educativas parentais relacionadas com o controlo do comportamento dos filhos e o estabelecimento de regras. A responsividade diz respeito às práticas educativas cujos componentes principais são o afecto, a compreensão, o apoio emocional e o desenvolvimento da autonomia. Assim, um pai autoritativo será muito responsivo e muito exigente; um pai autoritário será muito exigente mas pouco responsivo; um pai indulgente será muito responsivo mas pouco exigente; e, por fim, um pai negligente será pouco responsivo e pouco exigente.

Em todas estas propostas, o conceito de estilo parental é abordado a partir de uma estabilidade temporal e transversal. Ou seja: cada estilo codifica um ambiente familiar que é relativamente imutável. No entanto, é difícil ser sempre do mesmo modo e os estilos acabam por evoluir temporalmente. Da mesma forma, considerando um corte transversal, tendo em conta as diversas esferas da vida familiar, num dado momento de vida, podem existir discrepâncias entre elas.

Em primeiro lugar, a criança nasce com determinadas características que poderão, elas próprias, modelar as práticas familiares (Barkin et al, 2007). Por outro lado, o mesmo progenitor poderá adoptar estilos parentais diferentes ao longo do seu percurso biográfico. Num determinado momento de vida, um indivíduo pode adoptar um estilo parental, e alguns anos mais tarde modificar, por vezes de forma extrema, esse mesmo estilo. O exemplo mais comum será a comparação de comportamento e atitudes de um mesmo indivíduo enquanto pai e avô. É possível que com os filhos adopte um estilo parental autoritário, e mais tarde, com os netos, um estilo parental permissivo. Consideramos aqui a existência de (in) congruência de estilos a nível longitudinal.

A **incongruência longitudinal entre estilos** pode ser explicada porque as atribuições inerentes ao papel do avô são qualitativamente diferentes das inerentes ao papel de pai, isto é, o pai terá à partida uma maior responsabilização sobre a educação da criança. O avô, por sua vez, sabendo que a função de educar recai sobretudo sobre os pais, tem uma maior liberdade para se dedicar a questões relacionadas com a responsividade e menos às relacionadas com a exigência.

Propomos também uma **incongruência transversal de estilos**, conceito que aplicamos em duas situações: no interior do casal e face a diversas esferas educativas da criança. Em relação ao primeiro aspecto, temos a tradicional contradição de decisões e de práticas entre os dois pais face ao seu filho. No segundo, trata-se de modos de conceptualização e de exigência contraditórios, dizia-nos um pai, a título de exemplo: “desde que na escola sejas bom aluno, não há problemas...” Assumindo um papel autoritativo em tudo o que se relacionasse com comportamento escolar, sendo indulgente ao máximo nas restantes esferas educativas (a criança em questão não fazia a cama, tinha poucas regras em casa, partia os brinquedos).

Estas formas de incongruência conjugam-se num aqui e agora da criança que tende a não estimular a autonomia e responsabilidade. Não é invulgar, na recolha de histórias clínicas, procurarmos qual o contexto de vida daquela criança que a incentiva à imaturidade.

Em relação à questão dos estilos, podemos-la encarar como um sistema estável de atitudes e práticas por parte dos pais. Ou então assumir o eixo da congruência incongruência. Passará este a ser o contexto conceptual com que avançaremos no presente trabalho.

2. Etiquetagem: uma forma de concluir erradamente

A etiquetagem é um fenómeno bem conhecido da sociologia. Ela dá conta de processos de interacção social em que um determinado atributo é colocado a uma pessoa. Nem sempre o processo é um sucesso, pois em muitos casos a pessoa etiquetada não se comporta de acordo com as expectativas e a interacção social tem que recomeçar de acordo com premissas diferentes. Noutros casos, o etiquetado, por uma razão ou outra, começa a comportar-se cada vez mais de acordo com as expectativas. Inicia-se um processo de enviesamento da interacção que pode ter consequências catastróficas (Blumer, 1982).

A etiquetagem tem sucesso ou não dependendo de um sem número de factores: a situação, o poder simbólico da pessoa que etiqueta, mas também da pessoa que é etiquetada. Por outras palavras, a pessoa etiquetada pode ter recursos intelectuais ou de outra ordem para resistir às expectativas que se pretendem de si (consulte-se Goffman, 1963; Becker, 1963).

A psicologia incorporou estes ensinamentos para a sua abordagem clínica. O exemplo do deprimido que estabelece uma interacção para si e para os outros, que confirma a ideia negativa que tem de si mesmo e dos seus actos. Pensa: “não valho nada, ninguém fala comigo”. Entra num café com cara de poucos amigos, senta-se numa mesa isolada... e a interacção torna-se quase impossível. Para o deprimido a leitura é outra, muito mais pessimista, pois viu confirmada a sua hipótese inicial: “se ninguém falou comigo, é porque eu não valho mesmo nada”.

A etiquetagem refere-se não apenas a este diálogo interno mas a formas de interacção social. No filme “Amo-te Teresa” o argumento desenvolve-se de acordo com um triângulo central de personagens: uma médica que regressa, para exercer medicina, à aldeia onde cresceu, reencontra uma amiga de infância de quem beneficia a hospitalidade, enquanto se apaixona pelo filho dela ainda menor.

Quando a amiga descobre que a médica que frequenta a sua casa tem um caso com o filho o diálogo é impossível. Começa a gritar, corre para o centro da aldeia denunciando a situação a toda a comunidade, insultando-a. Garfinkel (1956) chama a isto cerimonial público de degradação da identidade social.

No dia seguinte a médica tem de conviver com as consequências do escândalo. Recusam servi-la no café, comentam o sucedido e insultam-na. Acham que ela é uma depravada e perversa. Lembram-se de pequenos detalhes da sua acção profissional. Ela exerce medicina no centro de saúde local onde, até ao momento, gozou de excelente reputação. Mas quando se descobre algo inaceitável a alguém, quando um comportamento é considerado desviante numa dada comunidade, a pessoa deixa de ser capaz de gerar imagens positivas de si mesmo nos outros: os doentes lembraram-se então que a médica fumava,

às vezes até no intervalo das consultas (sobre este movimento retrospectivo consulte-se Goffman, 1963, ou para uma aproximação mais psicológica do mesmo fenómeno Tinoco, 2002).

Quando, acabado o fim-de-semana, vai fazer consultas, confronta-se com o boicote geral: ninguém lhe surge no consultório. A situação deteriora-se ao ponto do director lhe pedir que deixe de exercer. Neste ponto, devemos-nos interrogar: qual o papel que esta comunidade reserva para a médica? Ela não pode exercer a sua profissão... é considerada uma perversa... Não estaremos longe da verdade se pensarmos que, em último caso, teria de assumir algum papel, entre os admitidos para ela naquela aldeia. Entram aqui os recursos do etiquetado: a médica defende-se de um processo, no qual acaba sendo detida, mas volta a exercer a clínica num estabelecimento da capital.

Quando muitos pais nos procuram na consulta dizendo “o meu filho é muito teimoso”; “ele tem uma força de vontade, faz sempre tudo o que quer”; ou ainda “parece que os castigos não lhe fazem nada”. Poderemos pensar que um processo de etiquetagem aconteceu.

Dedicaremos o ponto seguinte a exemplificar, a partir de situações de práticas parentais bem identificadas, como essas conclusões ou atribuições erradas são formadas e como as consequências dessas interações podem ter consequências nefastas no desenvolvimento das crianças.

“Só quando percebermos que a etiqueta não é apenas algo que atribuímos à criança, mas também o ingrediente inicial de uma profecia que se auto-cumpre, é que alcançaremos o cerne da prevenção primária.” Sameroff (1980, p. 60)

O sublinhado reflecte a importância das expectativas e das dimensões psicológicas que atribuímos às crianças como o início de uma interacção condicionada, o princípio de um jogo viciado. É claro que o etiquetado tem ainda poder simbólico ou outro género de recursos. Pode ter um irmão ou irmã, um pai ou pessoa adulta que lhe forneça uma interacção obediente a outro género de regras. Pode ainda descobrir na escola, junto dos pares ou de um professor, um setting que lhe permita descobrir-se e construir-se a partir de outras premissas.

3. Práticas parentais e conclusões erradas

Vamos agora descrever algumas situações que trazem o conceito de etiquetagem para o quotidiano das práticas parentais. Trata-se, no fundo, de utilizarmos um conceito, nascido no contexto das teorias do interaccionismo simbólico, despojando-o de um certo dramatismo inevitável no estudo de condutas mais

desviantes. Utilizá-lo-emos num quotidiano em que a normalidade e o hábito são as notas quotidianas.

Estamos em crer, apesar do seu carácter mais invisível, que as consequências dessa etiquetagem se consubstanciam em conclusões, traduzidas depois em atributos psicológicos e comportamentais. Esses modos de ser passam a fazer parte do que é esperado que as crianças façam e, por isso, configura o início de um jogo a partir do qual terão de construir as suas identidades.

Conboy (2008) fez uma resenha das principais práticas parentais, comparando-as na sua eficácia e efeitos. Em relação a uma delas, a intervenção verbal directa, utiliza uma ilustração bastante esclarecedora: uma mãe diz à criança, quando num supermercado, para não comer determinado alimento. A criança tem o alimento na mão... teima com a mãe... a mãe tenta valer a sua posição mas não lhe tira o alimento e a criança, depois de uma grande birra, acaba por levar a sua adiante. Conclusão da mãe: esta criança tem uma força de vontade enorme... Quando na verdade deveria ter tirado o alimento das mãos da criança se queria ser obedecida.

Também no caso de uma mãe autoritária, pouco atenta às necessidades afectivas da criança, várias conclusões erradas podem ser retiradas. A mãe usa diversas vezes do castigo físico, frequentemente a propósito de pequenas infracções. A criança vive constantemente na expectativa de ser castigada, não sabe qual o modo de evitar o castigo. Diz-nos a mãe: “ela nem sente o castigo, parece que não sente as palmadas que lhe dou”. Da mesma forma, em casos que os pais utilizam a retirada de privilégios ou de brinquedos, ouvimos também: “ele não quer saber dos castigos, vai ao quarto e traz logo um brinquedo para eu lhe tirar...”

Em relação ao exemplo, uma outra prática parental nomeada por Conboy: se a mãe diz para a criança não fazer uma coisa que o pai está constantemente a fazer, é expectável que ela mais tarde ou mais cedo acabe por desobedecer à mãe. Já se trata de uma conclusão errada a mãe achar a que a criança “é muito desobediente e nunca faz o que lhe digo”. Nestes exemplos, os pais nunca reflectem e nem se põem em causa.

Em caso de mães deprimidas, este não pôr-se em causa é relativamente frequente na clínica. A criança é vista como hiperactiva, irrequieta, incapaz se concentrar na escola. As mães, nesta situação, não são capazes de equacionar a relação e de pensar que, estando deprimidas, isso pode ter alguma consequência em relação aos filhos de que cuidam.

Outra mãe descreve-nos uma outra interacção com a sua filha. “Estou sempre a dizer-lhe para ela estar quieta... ela nunca me obedece... eu até tento nem falar... mas às vezes perco a cabeça, doutor, e dou-lhe...” A situação descreve-se rapidamente:

várias intervenções directas, que não são levadas até a fim, criam um ambiente de permissividade e desobediência. Até que a mãe não aguente mais e impõe um castigo, estando totalmente fora de si. A filha poderá sentir-se injustiçada e achar que foi punida apenas pelo facto da mãe estar mal disposta naquele dia.

Existem também casos em que os pais estão sempre a ameaçar com castigos. As punições vão sendo cada vez mais ameaçadoras, mas nunca são cumpridas. A certa altura o pai diz para a filha que “se não te portas em condições na escola e tiras boas notas, vou acabar por pôr-te num colégio interno”. A filha tem algum receio mas, no ambiente em que vive, um contexto em que as regras e os castigos são raramente aplicados, uma ameaça deste calibre rapidamente cai em saco roto.

Um dos autores testemunhou a seguinte situação: uma mãe levou a sua filha para a praia, ela descalçou-se. Quando se quis vir embora chamou a filha aos berros. Ela não veio logo... quis depois que se calçasse. Como não foi prontamente obedecida, enfureceu-se e atravessou a avenida deixando que a criança fosse atrás dela, a chorar, andando descalça todo este tempo. A consequência justa do comportamento, a coerência da punição e até um certo fundo afectivo, nada disto esteve presente nesta interacção.

A aplicação de práticas parentais correctas (sobre este assunto consulte-se Conboy, 2008), a leitura correcta das consequências e dos comportamentos da criança evita que a interacção se enviesasse e se deturpe, acompanhando um fenómeno próximo da etiquetagem que anteriormente descrevemos. Os seus resultados são óbvios e traduzem-se num sem número de conclusões erradas, a criança é: “hiperactiva”; “não sente os castigos”; “tem uma força de vontade enorme”.

Em última análise, como nos disse uma mãe de uma criança que acompanhámos: “tenho medo destes três dias... (aproximava-se um fim-de-semana prolongado) não há jardim-de-infância... como vou ficar com a minha filha em casa este tempo todo?” A interacção está viciada e causa sofrimento a todos os intervenientes.

4. Notas finais

Estamos em crer ter demonstrado o modo como os estilos parentais, consubstanciados em determinadas práticas parentais, podem ser responsáveis por um enviesamento relacional pai/mãe criança. As leituras erradas de momentos relacionais chave podem aumentar ainda esse enviesamento. A criança fica pressionada a construir-se de um determinado modo que nem sempre é o mais saudável.

A capacidade de escrever a história de outro modo passa precisamente por aí, pela capacidade ou existência de outros contextos. A escola, um elemento da família, o

próprio psicólogo, constituem-se como settings importantes. Eles podem fornecer à criança os recursos, os significados e as formas de interação a que não tinha acesso e de que certamente beneficiará.

424

Deste modo, é sobretudo importante um trabalho de protecção: evitar que a mãe comunique as suas conclusões sobre a natureza da criança à professora ou às empregadas da escola. Se não esperarem que a criança se comporte de determinada maneira, ela tem uma oportunidade de se descobrir de outra forma. Não defendemos a ausência de comunicação entre profissionais, mas sim uma cuidadosa gestão de timings que dê espaço à criança para se comportar e construir a sua identidade de forma diferente.

Outro aspecto, que queremos sublinhar, é a relevância do reforço do sentimento de autoria dos pais. Se o psicólogo acreditar nas capacidades da criança, pode ajudar os pais a lerem os seus filhos de outro modo. Envolvê-los na situação da consulta, atribuir-lhes algumas tarefas, contribuirá certamente para isso. O que se acabou de dizer não impede que muitos outros pais nunca se ponham em causa, nunca consigam reflectir sobre si mesmos, fazer-se a pergunta: “de que modo posso estar a contribuir para que o meu filho se comporte desta forma?”

Em todo o caso, devemos estar atentos e fazer uma gestão criteriosa dos contextos em que o problema da criança é assinalado. Concretizando: valerá realmente a pena passar um questionário sobre hiperactividade ao professor? Ele sabe do problema? Para ele há problema? Podemos esperar mais um pouco até entendermos melhor o caso? Ou é preferível de todo não usar nenhum deste género de questionários?

Dizia-nos uma mãe, no final da terceira consulta, no término da passagem de uma WISC: “ele está muito melhor... nota-se mesmo...” Relembrámo-nos então de uma história que um professor nos contou a propósito da terapia familiar. Tratava-se de uma variante da ópera “O Elixir de Amor” de Donizetti. A narrativa desenvolve-se a partir de uma trama muito simples. Nemorino está apaixonado por Adina. Tenta-a conquistar por todos os modos... mas é sempre rejeitado. Entretanto um cigano chega à sua aldeia e quer vender um precioso filtro mágico, o elixir de amor. Promete-lhe que, depois de usada a poção, terá durante três dias de não falar com a sua amada, findo os quais a terá aos pés... Os três dias servirão ao burlão para se pôr a salvo... mas inesperadamente Adina acaba por apaixonar-se por Nemorino.

A interpretação sistémica não se fez demorar: as insistências de Nemorino não permitiam que Adina visse realmente como era o seu pretendente. Ele resumia-se ao papel de incómodo conquistador... O elixir veio modificar a interação entre o casal. Ele afastou-se, confiante no estratagema... e permitiu a Adina observá-lo como ele era na realidade.

Às vezes, na clínica, as coisas podem ser tão simples e fantásticas como isto: dar tempo e espaço às famílias para que possam observar os seus filhos a partir de outras expectativas.

Referências bibliográficas

- Barkin, S.; Scheindlin, B.; Edward H.; Richardson, I. & Finch, S. (2007). Determinants of Parental Discipline Practices: A National Sample From Primary Care Practices. *Clinical Pediatrics*, 46, 1, 64-69.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Becker, H. S. (1963). *The Outsiders - Studies in the sociology of deviance*. New York: The Free Press of Glencoe, Inc.
- Bennett, P (2002). *Introdução à Psicologia da Saúde*. Lisboa: Climpesi Editores.
- Blumer, H. (1982). *El interaccionismo simbólico: Perspectiva y metodo*. Barcelona: Hora S.A.
- Conboy, J. (2008). Um modelos de interação/ Educação parental. In F. Bayle & S. Martinet (Ed.) *Perturbações da Parentalidade*. Lisboa: Climepsi.
- Garfinkel, H. (1956). Conditions of successful degradation ceremonies. *American Journal of Sociology*, 61, 420-424. [Reprinted in J.G. Manis and B.N. Meltzer (Eds.) (1972). *Symbolic interaction: A reader in social psychology*, 2nd edition, (pp. 201-208). Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Goffman, E. (1963). *Stigma - Notes on the management of a spoiled identity*. New York: Simon and Schuster.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em E.M. Hetherington (Org.), *Handbook of child psychology*, v. 4. Socialization, personality, and social development (4ª ed., pp. 1-101). New York: Wiley.
- Rubin, K.H., Nelson, L.J., Hastings, P. & Asendorpf, J. (1999). The transaction between parents' perceptions of their childrens' shyness and their parenting styles. *Internacional Journal of Behavioral Development*, 23 (4), 937-957.
- Sameroff, A. (1980). Concepts of humanity in primary prevention. In G. W. Albee and J. M. Joffe (Eds.), *The issues: an overview of primary prevention*. Hannover: University of Vermont, pp.42-61.
- Tinoco, R. (2002). Indeterminação biográfica – de condição natural a uma fissura na história do sujeito. *Toxicodependências*, 8, 3, 61-67.

Parental dysfunctions: a wrong conclusions path

In this article we make a reflection about the way that parental styles and practices can influence the interaction between children and their parents. Then we make a reflection about the impact of parental styles and the coherence between them, both on a longitudinal and transversal level. We think that the coherence is a crucial element in parental education.

In the interaction between parents and their sons, several attributions and meanings can shift the relationship in a crucial way. Wrong attributions or labels are an example of this phenomenon. We systematize those kinds of interactions and the ways that they shape the children's future.

In conclusion, we underline some cares in clinical practice that contribute for the creation of an environment free of attributions and labels. We must defend for a space of acceptance and promotion of children's development.

KEY-WORDS: Parental styles; Label; Parental practice; Parental education.

Dysfonctionnements parentaux : un chemin de mauvaises conclusions

Cette travail on pretend faire une reflection sur la relation entre les styles et les pratiques de education des parents, de une coté, les interaction avec les enfants et son attitudes et comportement, de l'autre. Plusiers recherches etude la importance des styles parentaux. On faire une reflection sur la importance et la congruence des styles de une façon longitudinal et transversal. Cette cohérence on se constitue comme un element central dans la education parental.

Dans les interaction entre les parents et sons enfants emerge les attributions et significations qui modèle la relation de une façon très significative. Les mauvaises attributions designations son un exemple de cette situation. En conséquence il etait important aussi de faire une systematization de les interactions et sa influence pour la perpetuation de certe types de pratiques parentales, bien que les implications pour le future des enfants.

Dans le finale de cette article on fait la enumeration de cettes affectations aux niveau de la pratique clinique pour avoir un contexte libre de cette type de mauvaise attributions. On doit faire une espace de l'acceptation et promotion du development des enfants.

MOTS-CLÉS: Style parental; Étiquetage; pratiques parentaux; education parental.